

2º DOMINGO DE PÁSCOA

27 DE ABRIL DE 2025

JOÃO 20.19-31

1 BREVE COMENTÁRIO SOBRE OS TEXTOS DA SEMANA

O esforço que fazemos em olhar individualmente para cada um dos quatro textos que compõem a série Trienal nos lembra de um duplo compromisso. O primeiro compromisso é com o texto bíblico. O texto bíblico, ainda que transmitido a nós por meio de linguagem humana, é palavra de Deus. Neste sentido, é responsabilidade do pregador compreender este texto e permanecer fiel a ele. Este auxílio homilético vem para auxiliar neste sentido quando oferece primeiramente um foco textual. Em outras palavras, procuramos compreender o que o texto diz observando o seu contexto histórico e literário. Fazemos isso utilizando o método histórico-gramatical.

O segundo compromisso é com a igreja. O pregador é também um pastor. Este pastor tem uma congregação que lhe foi confiada para cuidar. Assim sendo, o pregador não é um anunciador de generalidades. Ele não anuncia genericamente que Deus ama o mundo ou simplesmente repassa a informação acerca da ressurreição de Cristo. Antes, ele anuncia/proclama que Deus ama o seu povo, que Cristo foi ressuscitado para a nossa salvação. Ao olhar para os textos da Trienal em conjunto, o pregador é lembrado de que a palavra de Deus foi anunciada ao povo de Deus por muitas gerações antes dele.

1.1 Salmo 148

Este salmo faz parte do **Livro V** do Saltério, o qual começa com o Sl 107. Falando brevemente sobre a organização do Saltério, destaco as palavras que encerram cada um dos cinco livros deste. O **Livro I** termina com o Sl 41, cujas palavras finais são “Amém e amém!”. O **Livro II**, que encerra com o Sl 72, também termina com as palavras “Amém e amém!”

ainda que este salmo contenha ainda ao final uma nota sobre o fim das orações de Davi. O **Livro III** encerra com o Sl 89 bendizendo o SENHOR para sempre e novamente trazendo o dúplice amém. O **Livro IV** do saltério encerra um pouco diferente. O Sl 106 traz novamente palavras que bendizem o SENHOR e chama todo o povo a responder dizendo: “Amém! Aleluia!”

Finalmente chegamos ao **Livro V**, do qual faz parte o Sl 148. Enfatizo que esta não é uma abordagem extensiva sobre as características dos cinco livros do Saltério, mas tão somente uma tentativa de demonstrar como o Sl 148 está colocado dentro desta organização. Observe como este salmo usa o “Aleluia!” como uma espécie de moldura para aquilo que ele está dizendo. Isso ficará ainda mais claro se você der uma olhada na Bíblia Hebraica. O mesmo ocorre com os salmos 146, 147, 149 e 150. Assim, o leitor do salmo é convidado a dizer “Aleluia!” não por causa daquilo que ele acha que Deus fez, e sim por aquilo que está declarado acerca do que Deus fez.

Olhando para os salmos próximo ao Sl 148, dentro do **Livro V**, há vários salmos que clamam a Deus por misericórdia. Estes salmos lembram do exílio (Sl 137), da condição humana (Sl 139) e do perigo do perverso (Sl 140). Até que chegamos aos salmos “emoldurados” pelo grito de “Aleluia”. Este lugar é importante, pois os lábios daqueles que cantam “Aleluia!” são os lábios daqueles que clamaram por misericórdia, daqueles que foram alcançados pelos atos misericordiosos de Deus e disseram “Amém!” para aquilo que outros salmos disseram acerca de Deus. No caso do Sl 148, contemplamos novamente aquilo que Deus fez e quem ele é. Deus criou (v.5) e Deus tem um nome excelso e a sua majestade está acima da terra e do céu (v.13). Mas além disso, dada a misericórdia de Deus, “Ele exalta o poder do seu povo, o louvor de todos os seus santos, dos filhos de Israel, povo que lhe é chegado.” O que o povo de Deus deveria responder a não ser louvar o nome de Deus dizendo “Aleluia!”? (v.14)

1.2 Atos 5.12-32

A perícope começa falando de “sinais e prodígios” feitos pelos apóstolos e conclui referindo-se ao testemunho dado por estes mesmos apóstolos acerca dos fatos concernentes à vida e obra de Jesus Cristo. Compreender a relação entre sinais e prodígios com o testemunho acerca de Cristo é fundamental para que não percamos o foco daquilo que o texto está dizendo. Os apóstolos estão testemunhando acerca dos grandes feitos de Deus. Ao serem presos por estarem assim agindo, eles são novamente alcançados por um outro grande feito de Deus, o qual é realizado por meio de “um anjo do Senhor”. (v.19) Ainda assim, a mensagem deles não é sobre terem sido libertados de forma miraculosa da prisão, e sim, acerca de “todas as palavras desta Vida.” (v.20) Em outras palavras, tudo o que os apóstolos estão fazendo está em função da proclamação e testemunho acerca de Cristo!

1.3 Apocalipse 1.4-18

O capítulo 1 de Apocalipse é uma importante chave hermenêutica para a compreensão de todo este livro. Já aqui são mencionadas as sete igrejas. Já aqui há uma saudação da parte de Deus, a saber, “daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra.” (vv.4-5) Já aqui fica claro que há uma mensagem de Deus para a sua igreja na terra.

Antes, porém, de esta mensagem ser entregue às igrejas, vemos Deus se revelando ao apóstolo João. A imagem é impactante e revela, dentre outras coisas, a eternidade de Jesus Cristo, bem como a realidade de sua morte e ressurreição. Um título importante a ser destacado é o termo “Primogênito dos mortos” (v.5). O apóstolo Paulo também faz uso desta expressão em sua carta aos Colossenses (cf. Cl 1.15 e 18). Aqui em Apocalipse, este título aparece junto com os títulos “a Fiel Testemunha” e “o Soberano dos reis da terra.” (v.5). Estes três títulos evocam a história contada pelos Evangelistas (cf. Jo 5.36) bem como a realidade da presença de Cristo para aqueles que viviam no tempo de João (cf. Ap 5; 7.14ss)

1.4 João 20.19-31

Esta perícópe encapsula diversos temas teológicos importantes. Dentre eles podemos destacar **(1)** a revelação da ressurreição de Jesus aos discípulos, **(2)** a materialidade do corpo ressurreto de Cristo, **(3)** o envio dos discípulos, **(4)** a concessão do Ofício das Chaves a eles, **(5)** o testemunho de Tomé sobre a divindade de Cristo e **(6)** o objetivo dos sinais no Evangelho de João. Há ainda outros temas menores. Menores não porque sejam de menor importância, e sim porque não são muito explorados na narrativa. Alguns destes temas são o fato de os discípulos estarem reunidos no primeiro dia da semana (o que dialoga com o dia do culto) e a natureza da fé (que não se fundamenta naquilo que vê).

Todos estes temas são muito importantes, mas devem ser tratados com muito cuidado e clareza se forem abordados em uma pregação. Por essa razão, recomendamos estabelecer um foco claro quando iniciar a preparação da mensagem. Com o fim de ajudar neste processo, vamos abordar brevemente estes temas observando a narrativa do Evangelho.

Em primeiro lugar, Jo 20 afirma **(1)** a realidade da ressurreição de Cristo. Vimos essa realidade sendo afirmada junto ao túmulo de Jesus e testemunhada por Maria Madalena (Jo 20.11ss). Agora, vemos esta mesma realidade sendo afirmada diante dos discípulos, os quais estão em casa com as portas trancadas porque tinham medo dos judeus. O medo dos discípulos é bem justificado se pensamos no contexto da prisão, julgamento e morte de Jesus.¹ É neste contexto que Pedro nega ser discípulo de seu senhor (Jo 18.17, 25-27). Não sabemos o que os discípulos estão fazendo exatamente em casa naquele momento. Seria forçar o texto se disséssemos que agora todos os discípulos estavam negando a Cristo com esta atitude. Ao mesmo tempo, esta é uma imagem bem diferente daquela que vemos em At 5.12-32. O evangelista João demonstra aos seus leitores que não é uma mensagem de autoajuda ou de encorajamento que pode tirar os discípulos daquela situação angustiante. O único evento que pode trazer esperança e vida aos discípulos é o **(1)** evento da ressurreição. Assim, da mesma forma como a ressurreição teve um significado profundo

¹ para outras referências sobre medo na narrativa Joanina veja também Jo 7.13 no contexto da Festa dos Tabernáculos e Jo 19.38, quando José de Arimateia pede o corpo de Jesus secretamente.

para Maria Madalena, este significado alcança também os discípulos com a presença do Cristo ressurreto naquela casa cujas portas estavam trancadas. Com uma saudação de paz da boca do próprio Cristo (v.19 – Εἰρήνη ὑμῖν) e de sua **(2)** presença real em meio a eles (v.20 e 27), Jesus lhes dá nova vida.

Essa realidade da nova vida é efetivamente realizada com o sopro da boca de Cristo. Essa ação de Cristo nos leva aos temas do **(3)** envio e do **(4)** Ofício das Chaves. No Catecismo Menor, vemos Lutero usando Jo 20.22-23 para falar da autoridade de se perdoar e/ou reter pecados. Algumas notas sobre o texto em si, porém, fazem-se necessárias. Note que, após a saudação, Jesus diz palavras de envio, “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.” (v.21) Esta não é uma informação genérica sobre aquilo que os discípulos iriam fazer a partir daquele momento. O que Jesus faz é tornar os discípulos participantes na obra da Trindade. O evangelista já havia mencionado algo sobre este envio na oração sacerdotal de Jesus (Jo 17.18). Agora, no entanto, essas palavras são ditas diretamente aos discípulos de modo que eles de fato participam naquilo que Deus faz. Os discípulos foram efetivamente enviados para anunciarem o perdão que há em Jesus Cristo. Eles fazem isso em nome de Cristo.

É claro que o poder para fazerem isso não está neles mesmos. Tampouco os discípulos passam a fazer tudo o que Deus faz. Os discípulos são enviados para perdoar e reter pecados. A concessão do Ofício das Chaves se dá juntamente com o sopro de Cristo sobre os discípulos, isto é, com o conceder do Espírito Santo. Pode parecer estranho que este ato de conceder o Espírito Santo seja acompanhado de um sopro/vento, mas esta é uma imagem bíblica para falar do Espírito Santo. O livro de Atos fala de um vento impetuoso (At 2.2). O Antigo Testamento também tem vários testemunhos acerca da ação de Deus percebida em um vento (רוח). Alguns exemplos podem ser vistos em Is 11.2; 40.13, Jó 33.4, Ez 11.19, Ne 9.20. Mas a referência especificamente a um sopro está em Gn 2.7. É claro que há diferenças importantes entre Jo 20.22 e Gn 2.7. Por exemplo, o livro de Gênesis está falando da criação da raça humana. Neste sentido, todos os que estão vivos receberam este fôlego de vida que Deus soprou nas narinas de Adão. Isso nos faz perguntar o que João quer nos dizer ao reencenar o evento da criação naquela casa com as portas trancadas. Uma das

maneiras de compreender esta imagem é entendendo o recebimento do perdão dos pecados como uma nova criação, a qual é distinta da primeira criação. Esta é a abordagem que o apóstolo Paulo utiliza em 2 Co 5.17 afirmando que, “se alguém está em Cristo, é nova criatura” (veja também Rm 8.18-23 e Ef 2.10). Assim, o perdão dos pecados concedido pelos apóstolos em nome de Cristo realiza a vontade de Deus de fazer com que pessoas sejam feitas novas criaturas.

O **(5)** testemunho de Tomé é outro ponto importante trazido pelo evangelista. É verdade que vemos Jesus repreendendo a falta de fé expressa por Tomé. Ainda assim, Jo 20.28 é um claro testemunho acerca da divindade de Cristo, algo que jamais pode deixar de ser dito.

Finalmente, João também fala especificamente sobre **(6)** a razão de Jesus realizar sinais (v.30 – σημεῖα). O termo “sinal” cumpre uma função importante no Evangelho de João, pois ele indica uma forma de revelação da pessoa de Jesus Cristo por meio de sua obra. Vemos que em Caná da Galileia Jesus “deu princípio aos seus sinais” (Jo 2.11). Aqui em Jo 20 o Evangelista deixa claro a razão de eles serem registrados, a saber, “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (Jo 20.31)

2 OS TEXTOS EM SEU CONTEXTO LITÚRGICO

Os textos fazem parte do tempo de Páscoa celebrado pela Igreja Cristã desde longa data. A celebração da Páscoa é uma das primeiras preocupações que a igreja antiga teve na organização de seu calendário. Parte da questão com a qual os cristãos precisavam lidar tinha a ver com o dia para esta celebração. Seguiriam eles o costume da sinagoga judaica e celebrariam a Páscoa sempre no dia 14 de Nisã (costume *Quartodecimano*)? Ou seria o dia do domingo o dia para a celebração da Páscoa uma vez que Jesus ressuscitou em um domingo?

Todo pastor que já teve que lidar com o dia e horário do culto sabe que estas são questões importantes que podem inclusive gerar conflitos e até divisões dentro da igreja.

Isso infelizmente aconteceu na igreja antiga de modo que a Igreja da Ásia Menor, por exemplo, seguiu o costume judaico (cf. Melito de Sardes, *On Pascha*) enquanto grande parte do restante da igreja seguiu outro costume, a saber, a Páscoa seria celebrada no primeiro domingo após o 14 de Nisã (após a primeira lua cheia do equinócio de outono).

Ainda que tudo isso pareça apenas uma discussão sobre dias e datas de festa, há pressupostos teológicos importantes aqui. É impossível discuti-los todos aqui, mas o evangelho para o dia de hoje nos dá importantes elementos para pensarmos sobre a teologia do tempo da Páscoa. Isso terá importantes implicações também para o dia do culto.

É preciso dizer, o dia da semana para a realização do culto não é o ponto mais importante para nós. Tampouco uma data específica para a celebração da Páscoa. Mas é sempre importante perguntar se nossos costumes têm um fundamento teológico ou simplesmente sociológico. O Evangelho de João destaca os discípulos reunidos no domingo, em casa, com as portas trancadas. O texto engloba, na verdade, dois domingos, o domingo da ressurreição e o domingo após a ressurreição. Dada essa relação, este domingo é por vezes chamado de o *Oitavo de Páscoa*, uma referência ao oitavo dia.

Além deste, este domingo já recebeu vários outros nomes. *Domingo Branco* é um deles. Isso vem do costume de se usar uma roupa branca após o batismo, a qual simbolizava a pureza de Cristo que era colocada sobre o batizando. O batismo era normalmente realizado no dia de Páscoa. No domingo seguinte, portanto, todos vinham de branco à igreja.

Quasimodogeniti ou *Quasimodo* ou é outro nome dado a este domingo. O *Quasimodogeniti* é um canto baseado no texto de 1 Pedro 2.2. Se consultarmos o livro de auxílio litúrgico “Culto Luterano” de nossa igreja, veremos que este versículo aparece em nossa liturgia como a antífona para o Introito do dia (Culto Luterano: Lecionários, p.101, 2009). O Introito é composto do Sl 105.1-5,8 e a antífona é exatamente o texto de 1 Pe 2.2-3.

Um outro nome dado a este domingo é *Domingo de Tomé* pela razão de a confissão de Tomé ser um ponto alto do texto do Evangelho. Isso parece óbvio, mas é bom lembrar que Tomé foi assim lembrado em outros momentos da história da igreja por sua confissão de fé, e não por sua incredulidade.

Todos esses nomes conversam de alguma forma com os textos do dia, mas, de forma especial, com o Evangelho da semana.

3 POSSÍVEL ESTRUTURA PARA UM PREGAÇÃO

3.1 Tema: Jesus é o nosso Lugar Seguro.

3.2 Introdução (evocando a fonte da metáfora)

Os discípulos de hoje precisavam de um lugar seguro. Nada como uma casa com portas trancadas! Como é bom termos um lugar seguro e de paz. Normalmente, um lugar assim vem acompanhado da palavra “casa”. Você pode lembrar da casa da vovó, da casa dos seus pais, da casa na árvore. Ou quem sabe você pode pensar em um lugar, que não é necessariamente uma casa, mas que você chama de casa pela função que exerce. É isso o que acontece quando alguém viaja para outro país, e, ao voltar ao seu país de origem, pode dizer: “como é bom voltar pra casa!”

Mas uma casa é também um lugar frágil. Ela pode ser invadida, destruída, consumida pelo fogo. Não poucas vezes nossas memórias afetivas sobre o valor de nossa casa são afetadas por alguma realidade que se impõe.

3.3 Desenvolvimento (ligando os dois mundos)

O texto do evangelho de hoje começa com os discípulos em casa. A razão para estarem ali? Medo! As portas estão trancadas. As memórias daquele lugar conhecido como casa parecem enganosas porque falta alguém. Jesus não está ali como outrora. Ele fora crucificado e agora tudo parece desmoronar. A única proteção que os discípulos parecem ter é uma porta frágil que, com algum esforço, pode ser arrombada.

Mas qual é a surpresa que os discípulos têm quando percebem que mais alguém está ali no meio deles. Jesus Cristo está vivo e os saúda com a sua paz. Esta primeira alegria é desafiada com o questionamento de Tomé. Jesus vem de novo! Saúda os seus com a sua paz e lhes mostra claramente que é ele mesmo.

Jesus é lugar onde os discípulos estão verdadeiramente em casa.

Vejam as marcas da cruz. Contemplem a realidade da ressurreição!

(este é um bom lugar para explorar o significado da morte e ressurreição de Cristo!)

3.4 Implicação (olhando o dia a dia e as vocações com as novas lentes)

Quando olhamos para o lugar que chamamos de casa, vivemos esta dupla realidade. Por um lado, ela é o lugar de nosso refúgio e paz. Por outro lado, este é um lugar vulnerável onde males também acontecem. A presença de Cristo, no entanto, nos dá um real significado a este lugar. Aprendemos que onde Cristo está, ali é a nossa casa.

Isso nos ajuda a perceber o lugar onde nós vivemos.

(aqui o pregador pode conectar o tema com as vocações da congregação, lembrando que aquilo que fazem em sua casa em obediência à palavra de Deus é santificado pela presença de Cristo)

3.5 Conclusão

Há muitos lugares que podemos chamar de casa neste mundo. Mas aprendemos que há um único lugar que jamais muda onde sempre encontraremos refúgio e paz, vida e salvação. Este lugar é Jesus. Esta é uma verdade que se mostra já aqui, pois Cristo está presente. Esta é uma verdade que perdurará pela eternidade, pois mesmo após a nossa morte, Cristo ainda estará presente conosco e será externamente a nossa casa, o nosso lar.

Falar de Cristo como nosso lugar seguro, como a nossa casa, não significa pensar que Jesus pode ser inseguro em algum momento. Jesus é eternamente aquele que nos sustenta e nos guarda como nosso verdadeiro refúgio.

(aqui o pregador pode anunciar a eterna presença de Cristo junto aos seus como conforto e esperança ao povo que o escuta)

Prof. Francis Dietrich Hoffmann

São Leopoldo/RS